

EXPERIÊNCIAS QUE EMERGEM DOS SABERES

Girleide de Jesus Almeida, Café com Paulo Freire
Bahia/BA¹

Resumo

Resumo:

Este depoimento retrata o contexto da educação brasileira, de professoras e professores que enfrentam a pandemia, os desafios do ensino remoto e o descompromisso dos governantes com a situação de exclusão da maioria dos estudantes. Neste contexto, o Café com Paulo Freire baiano e o reencontro com a obra do educador nos ajudam a enfrentar e a mudar esta realidade.

Palavras-chave:

Experiências. Café com Paulo Freire. Legado.

Sou Girleide Almeida, mãe, professora, pedagoga, feminista, com percurso iniciado nos movimentos sociais. Especializei-me em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atualmente sou coordenadora pedagógica da Rede Estadual e Municipal Pública de Ensino.

Sou coordenadora pedagógica e atuo no Colégio Estadual Senhor do Bonfim, em Cansanção, município do Território do Sisal da Bahia. Nesta escola, todos os anos, promovemos uma Feira de Literatura Baiana. Mas o ano de 2020, como todos(as) nós sabemos, foi um ano diferente, pois precisamos nos adaptar aos eventos *on-line*. Então, pensamos em um momento que fosse leve, de troca, e escolhemos o tema: A educação e o saber cuidar.

Nossa convidada do primeiro dia foi a curadora do Café com Paulo Freire Bahia, a Profa. Dra. Edite de Faria. No momento de sua fala ecoava o pensamento e a

¹ Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Ensino da Bahia, especialista no Ensino de Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). girleide.almeida@enova.educacao.ba.gov.br

amorosidade que Paulo Freire nos deixou como legado. Eu também falei um pouco sobre a *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, o que provavelmente fez com que a Professora Edite percebesse que ali também existia uma defensora do legado de Paulo Freire. Uma conexão começou naquele momento.

No dia seguinte à feira, recebi um convite da Professora Edite para fazer parte do *Café com Paulo Freire Bahia*, o que me deixou muito emocionada, pois via ali uma oportunidade de conhecer outras pessoas com experiências diversas na educação, nos movimentos sociais populares do campo e da cidade e nos percursos pelos quais o pensamento de Paulo Freire consegue perpassar. Confesso que, até então, não sabia da existência do grupo e do movimento potente, e não imaginava que ele seria tão acolhedor e faria com que me sentisse pertencente de fato, em tão pouco tempo.

Participei de alguns encontros e percebi a importância que se dá a cada fala, saber e “que-fazer”. Notei que não há, uma hierarquia de saberes, e isso é um dos aspectos que mais me chama a atenção, que me encanta nesse grupo tão coerente. Para além disso, é esclarecedor o quanto algumas temáticas vão sendo descortinadas, estudadas e aprofundadas, sempre tomando como referência os princípios e pressupostos de Paulo Freire.

Encontrei no *Café com Paulo Freire Bahia* um caminho para conciliar o pensamento feminista e o pensamento de Freire. Em um dos encontros, foi indicado o livro de Bell Hooks intitulado “Ensinando a Transgredir” (2017). Nele, deparei-me não só com a compreensão sobre o que procurava, mas também, pude me reconhecer em muitos escritos da Bell, ao falar do legado de Paulo Freire: “Em boa parte da obra de Paulo Freire há um espírito generoso, uma qualidade de mente aberta que sinto estar frequentemente ausente dos meios intelectuais e acadêmicos... é claro que Paulo parece ficar mais aberto à medida que fica mais velho” (HOOKS, 2017, p. 75).

Nesse livro, Bell Hooks evidencia a todo momento a importância da obra de Paulo Freire para a afirmação do direito de cada sujeito a resistência, à definição da própria realidade, ao reconhecimento da subjetividade dos menos privilegiados, dos que têm que carregar a maior parte do peso das forças opressoras.

Algo muito significativo que aconteceu comigo no Café Bahia, e veio em muito pouco tempo, foi o convite da Professora Edite de Faria para organizar um Café com Paulo Freire Bahia com mais duas integrantes do grupo e ainda fazer parte da mesa! Foi aí onde pude compartilhar um pouco de minha experiência, percorrendo o diálogo de Paulo Freire e Ira Shor, no livro *Medo e Ousadia, o cotidiano do professor* (1986).

Nesse Café, tive também a oportunidade de conhecer o Professor Carlos Cesar de Oliveira, já que ele também fazia parte da mesa. Descobri que nós dois viemos do movimento social (Pastoral) antes de chegarmos à Educação, mais especificamente da Pastoral da Juventude no Meio Popular (PJMP). Quero ressaltar que só hoje, mesmo depois de tanta caminhada, percebo o quanto o pensamento de Paulo Freire está entrelaçado com esses movimentos de base e a diferença que isso fez em todo meu percurso humano, profissional e acadêmico.

Confesso que ainda não tinha lido o livro *Medo e Ousadia*. Por meio da leitura dessa obra, levei as discussões encontradas nela para meus encontros de Atividades Complementares (AC) com os professores da escola na qual atuo, pois, apesar da obra ter sido publicada em 1986, suas temáticas são extremamente atuais. O que nos permitiu pensar, inclusive, sobre a pandemia e o ensino remoto.

Passamos a constatar com mais sentido as imposições vindas de cima para baixo, que desconsideram as situações reais dos sujeitos envolvidos. Sobre este assunto, para Paulo Freire a educação não é alavanca de transformação, mas deveria ser (FREIRE; SHOR, 1986). Ao ver o Estado negligenciar a educação para estudantes sem acesso à internet, penso que Paulo Freire tinha toda razão. Ele também tinha razão quando disse que fazer educação libertadora é “nadar contra a maré”. Temos enfrentado inúmeros desafios neste contexto pandêmico, e um deles é a cobrança por resultados mais aproximados a números, o que revela a tentativa de nos impor uma educação mercadológica. Resistir, confesso, não tem sido fácil. Nesse sentido, o Café com Paulo Freire Bahia tem me dado suporte, pois tenho encontrado força no pensamento freireano, compartilhado mediante experiências diversas.

O fato é que a leitura desse livro e a participação no *Café com Paulo Freire Bahia* me deram suporte para ampliar minha compreensão acerca da educação e para tentar ajudar minha equipe de professores(as), pois precisávamos de motivação para (re)começar, e Paulo Freire nos afirma que não vê motivação fora da prática. Segundo ele, motivamo-nos quando estamos atuando e não antes. E outro aspecto que tem nos ajudado a persistir é nos percebermos enquanto pares nesta luta para então nos fortalecermos e vencermos as ameaças e os medos. Certamente, estes últimos sempre vêm, porém não podem nos paralisarmos. Para Paulo, quando não comandamos o medo, deixamos de arriscar, e não criamos mais nada. “Sem arriscar não há possibilidade de existir” (SHOR; FREIRE 1986, p. 42).

Pude também, por intermédio desse Café, homenagear um grande mestre: o Professor Ulisses Macêdo. O mesmo fez parte de meu percurso enquanto estudante secundarista e hoje continua a lutar comigo por uma educação libertadora, na mesma escola em que tudo começou, na qual hoje sou coordenadora pedagógica. Foi um momento de muita amorosidade, que, com certeza, nem eu nem o professor Ulisses nos esqueceremos.

Agradeço imensamente ao Café com Paulo Freire Bahia por me permitir fortalecer minha prática docente e formadora, por me fazer (des)construir conceitos diversos, tanto no campo profissional quanto no pessoal, por me ajudar a resistir e a seguir lutando por uma educação libertadora e emancipadora, por me ajudar a esperar, com tantos outros e outras que já estão na estrada há tanto tempo, levando esse legado tão forte e necessário de Paulo Freire. Não poderia deixar de agradecer à Professora Edite de Faria pela oportunidade de fazer parte do Café Bahia, que posso caracterizar como o grupo dos “inéditos viáveis”, que com alegria me faz aprender tanto.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, PAULO; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** - O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.